



1290003168



TCC/UNICAMP T789c

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDA TOMIE TSUNODA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
AV. ALBINO DE ANDRADE, 170
13084-900 CAMPINAS, SP

F95 e1 t 009

A CRIANÇA E A VIOLENCIA NA MÍDIA : MARCAS DA TELEVISÃO NO
COTIDIANO ESCOLAR INFANTIL

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

CAMPINAS

2006

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Fernanda Tomie Tsunoda

**A CRIANÇA E A VIOLENCIA NA MÍDIA: MARCAS DA TELEVISÃO NO
COTIDIANO ESCOLAR INFANTIL**

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
UNICAMP, para obtenção do
título de Bacharel em
Pedagogia, sob orientação do
Prof. Dr. Sérgio Ferreira do
Amaral.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Campinas

2006

© by Fernandã Tome Tsunoda, 2006.

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	1001111111
V:	EX
TOMBO:	3168
PROC.:	145107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	23.08.07
Nº CPD:	100511

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

↑	Tsunoda, Fernanda Tomie.
Si39e	A criança e a violência na mídia : marcas da televisão no cotidiano escolar infantil / Fernanda Tomie Tsunoda. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.
	Orientadores : Sérgio Ferreira do Amaral, Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Crianças. 2. Televisão na educação. 3. Violência na televisão. 4. Poder (Ciências Sociais). 5. Lúdico. I. Amaral, Sérgio Ferreira do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	06-778-BFE

Dedicatória

Aos meus alunos, com quem mais aprendi do que ensinei.

Agradecimentos

Minha gratidão maior é ao meu Senhor, que tem me fortalecido em todos os momentos. Às minhas queridas amigas Adriana Merkh e Adriana Valente, com quem tive a grande alegria de partilhar momentos maravilhosos. Aos meus pais e irmã, grandes responsáveis por aquilo que me tornei e ao meu marido Josué, fonte de inspiração para tudo que faço a cada dia.

Resumo

Neste trabalho pretendo discutir a minha prática docente mediante a influência da violência televisiva levando em conta o contexto da escola e principalmente das crianças. Qual a visão dos pais, qual a intervenção da escola e principalmente, a visão que as próprias crianças têm da violência, como a legitimam quando esta relaciona-se com o poder. Por último proponho uma educação para e com a televisão onde podemos, a partir dela, educar cidadãos críticos e ativos, capazes de olhar a mídia sem os olhos da passividade.

Sumário

Introdução	7
1. Reflexos da T.V: uma visão dos pais e da escola	10
2. Os direitos da criança	15
3. A televisão e a cultura lúdica	19
4. Violência na mídia: bem X mal	21
5. Violência na T.V: um olhar da criança	24
6. Educar para a mídia: cidadãos críticos e ativos	28
7. Considerações finais	33
Bibliografia	35
Anexo 1	36
Anexo 2	37

Introdução

As crianças parecem sempre querer ser algo que não elas. Fantasiam em torno de situações, imitam aquilo que chama sua atenção, brincam sozinhas criando suas próprias regras e convenções. A partir dos anos 50, o desenvolvimento tecnológico trouxe às nossas casas o que viria a ser o maior comunicador em massa que já existiu: a televisão. Permeada pela fantasia e arraigada de um poder de comunicação, a tevê possibilitou que conhecêssemos o mundo sem sair de casa, e o melhor, poder visualizar o que os livros e o rádio não nos permitiam.

Hoje, em pleno século XXI, mesmo com o surgimento da internet no século passado, a televisão ainda continua sendo o meio de comunicação mais popular. Atribuo esse fato à dependência que as pessoas têm da televisão. Até no casebre mais humilde, se houver energia elétrica, há uma televisão. A mídia televisiva é quase um membro da nossa família- aliás, está mais presente que muito pai e mãe por aí- jorrando informações nas mais diversas formas, numa dinamicidade sem igual, ela é capaz de transportar uma mulher infeliz em seu casamento até as cenas mais românticas de uma novela, ou um homem que chega cansado de seu trabalho até a torcida agitada no Maracanã.

As crianças não estão fora de seu alcance. Elas convivem em um meio- faz parte de sua cultura- onde recebem milhares de informações, processadas, mastigadas que lhes são inculcadas sem ao menos perceber. A própria cultura contemporânea tem a imagem como sua forma de expressão mais intensa (SALGADO, PEREIRA, JOBIM e SOUZA, 2005). A rapidez tornou-se o símbolo da época e essa presença marcante da televisão nos faz educados para a dispersão.

Tudo se torna fugaz, vulnerável, líquido e esse novo olhar dificulta a reflexão fazendo com que nos tornemos alvos da alienação.

Eu fui uma pessoa que cresceu nesse meio televisivo. Meus pais, no entanto, estavam sempre presentes verificando aquilo que seria assistido por mim e pela minha irmã. Por muitos anos os questioneei sobre a censura contida em alguns programas, afinal de contas, por que eu não poderia assistir à um programa apto para um adolescente de 14 anos sendo que eu tinha 13 anos? Não estou aqui defendendo este tipo de controle, porém compreendo a preocupação dos meus pais com aquilo que seria jogado na minha cabeça. Muitas vezes, na hora do jantar, discutíamos aquilo que assistimos, meus pais sempre nos explorava para saber bem o que pensávamos sobre determinado assunto ou atitude apreendida. Como cresci fora do Brasil, não tínhamos acesso ao que se assistia aqui, e isso nos colocava "por fora" de tudo quando vínhamos para as férias, fazendo com que passássemos grande parte do nosso tempo colocando toda a informação em dia.

Sou professora em uma escola bilíngüe, de classe média-alta, em um bairro residencial em Campinas. Meu alunos, de 4 e 5 anos manifestam categoricamente a presença da mídia televisiva em suas vidas. Como educadora, a questão que mais me preocupa diante da presença unidirecional da tevê é a violência. Afinal, o que é violência? Como ela é transmitida às nossas crianças? Seria ela sutil ou explícita? E partir daí, como ela se manifesta, através de brincadeiras, atitudes e pensamentos.

Ao adentrarmos ao seu mundo, a criança demonstra um conhecimento prévio que não foi ensinado nem pela mamãe, nem pelo papai, quanto mais pelas "tias" da escola. Elas têm como referência aquilo que assistem na televisão sendo, nessa idade, os desenhos e programas infantis que causam mais impacto nelas, recheados de ação, de lutas e combates ao "mau". Mas quem é o "mau"? A violência é legítima

quando usada para combatê-lo? Como a criança enxerga essa violência? Pode bater no "mocinho"? E no "bandido"? Percebi que ao utilizar-se da violência, tanto para atacar ou para defender-se, meus alunos parecem revestir-se de um poder. Poder se ser o mais forte? Poder de justiça? E ainda, como as crianças se apropriam do poder que a violência lhes fornece?

Neste trabalho, pretendo compreender melhor a intervenção da mídia televisiva na educação dos meus alunos, como esta se posiciona quando o assunto é uma educação moral, ética, visando a formação de um "ser cidadão" que tenha senso de justiça, solidariedade e prudência. Como as relações mais específicas vividas por eles podem deixar "marcas" nessa educação, e quanto a violência está ligada ao poder. Discutirei essas questões com base em autores e em suas pesquisas sobre mídia e educação. Pretendo também analisar uma proposta de atividade realizada com meus alunos onde questiono como eles se vêem e como discutem a violência na tevê.

Por fim, gostaria de propor uma educação, não **para** a televisão, mas **com** a televisão, onde as crianças possam conviver com a mídia e intervir de forma ativa, crítica e consciente, compreendendo o "como se faz" e o "por que se faz", deixando esta relação, televisão-espectador, uma relação unidirecional, tornando-se bidirecional, ou até pluridirecional.

1. Reflexos da T.V: uma visão dos pais e da escola

Na minha prática escolar deparo-me a casa instante com resquícios que a televisão deixa nos meus alunos. Essa influência chamou-me atenção fazendo com que eu as observasse como de posicionam diante daquilo que lhes é apresentado, principalmente quando a questão é violência.

Relato aqui a posição dos pais dos meus alunos assim como a posição da coordenadora de educação infantil e da professora de classe que trabalha junto comigo. O nome da escola, assim como o de todos que a compõe, será preservado em respeito à sua privacidade.

A escola está situada na cidade de Campinas, em um bairro praticamente residencial, de classe média-alta. Composta por 140 alunos, com apenas 6 anos de existência, a escola propõe um ensino bilíngüe o que atrai muitos dos pais que a procuram.

A minha sala é composta por 13 alunos no total, 8 são do Infantil I, com 4 anos, e 5 do infantil II, com 5 anos. Como sou a professora de inglês, divido o período de aula com a professora de "português". A maioria das crianças é do sexo masculino o que, na minha opinião, trouxe à tona a presença de um comportamento agressivo nas brincadeiras e até em momentos de aula.

A nossa rotina é basicamente assim: começam a aula com a professora Marta¹, ambas as turmas. Depois dividimos e enquanto ela trabalha com uma turma eu trabalho com a outra. Vamos ao parque todos juntos, tomamos o lanche e dividimos novamente só que dessa vez trocamos as turmas. Três vezes por semana eles têm aulas extras, as quais freqüentam juntos (Infantil I e II), e os dois dias restantes, as duas turmas terminam o dia comigo. Ou seja, apesar de serem turmas

diferentes, portadoras de idades diferentes, as crianças estão sempre em contato na hora do parque, do lanche, das aulas extras, no começo e no fim do dia. Aliás, quase ninguém as identifica pelo nome da turma mas por “Sala da Tia Marta e da Teacher Fernanda”.

A minha preocupação com a influência da tevê na vida dos meus alunos não limitou-se a analisar seus comportamentos, mas procurei saber a posição de seus pais, como eles lidam com a mídia e a educação de seus filhos. Assim como a posição da escola, digamos assim, com aqueles educadores que lidam com as mesmas crianças que eu.

Foi realizado um questionário de 8 questões simples e bem diretas. Dos 12 pais presentes (temos irmãos gêmeos na classe, por isso 12 pais e não 13), 8 responderam as perguntas. Todos os pais disseram que seus filhos assistem no máximo 2 horas de televisão por dia, a maioria contou que isso se dá mais no período da tarde, começo da noite. Na tevê aberta, os desenhos animados e programas infantis são transmitidos no período da manhã, e neste horário encontramos novelas e telejornais. Todos os pais enfatizaram a presença da T.V à cabo, forte opção para quem deseja uma programação infantil diversificada até um horário mais elevado. Da tevê aberta, os pais mencionaram a Cultura como sendo a mais recomendável e a única autorizada por eles. Muitos dos pais trabalham e dificilmente “monitoram” o que seus filhos presenciam na televisão, porém deixam algumas recomendações básicas à pessoa que fica com eles. Apenas algumas das mães (não houve presença do pai) assistem a programação junto com seus filhos prestando minimamente atenção a toda a programação, preocupando-se em até mudar de canal quando aparece alguma propaganda considerada inapropriada.

¹ Professora de “português”. Nome fictício.

Quando questionados se há alguma manifestação de violência por parte dos filhos decorrente do que assistem, a maioria alegou que não permite que seus filhos assistam programas violentos. Apenas uma mãe contou o comportamento de seus filhos, disse que eles ficam agitados, inclusive imitam o que assistiram, mas ela logo interfere procurando explicar e esclarecer as atitudes vivenciadas por algum personagem. Confesso que fiquei surpresa com a resposta dos pais à esta questão. Como as manifestações são tão fortes na escola? De onde as crianças aprendem certas atitudes, como se apropriam dos personagens se não têm acesso a esse tipo de programa? Ao refletir sobre estas questões, conclui que talvez os pais possuem uma outra concepção de violência, ou seja, talvez eles não classifiquem como violento aquilo que seus filhos assistem, porém esta se faz presente de forma sutil e subjetiva. É aí que está o poder da mídia: gerar programas com mensagens sutis mas muito fortes ideologicamente.

A verdade é que a mídia está presente, não se pode ignorar. E com toda a correria do dia-dia muitos pais se fazem ausentes e, inevitavelmente, seus filhos crescem com uma mídia presente, diretamente na tevê e indiretamente naquilo que ela reflete: produtos de consumo, modismos, etc. É importante saber como as crianças recebem aquilo que lhes é transmitido pela televisão, por isso perguntei aos pais se seus filhos questionam o que assistem. A maioria disse que não, salvo uma mãe (a mesma citada acima) que contou que seus filhos toda hora perguntam, exploram a programação e a mãe, muito sabiamente na minha opinião, pode ajudá-los a desconstruir certas idéias apresentadas pelo programa.

O perigo de não questionar, tanto por parte da criança quanto por parte do pai, legitima uma relação de passividade diante da tevê. Carla² foi uma mãe que me

² Nome fictício

chamou atenção. Segundo ela, seus filhos não questionam, então quem questiona é ela, ela os faz refletir sobre certas atitudes, pergunta o que acham, se é assim que deveria ser. Aí está o papel do educador, mediar essas situações e não esperar que as crianças tomem iniciativa. É necessário saber como as crianças processam a informação, tão dinâmica, passada pela televisão, que a cada dia compete com aquilo que é ensinado pela família e pela escola.

Quando perguntei sobre o que acham da censura, todos os pais concordaram que é necessária uma classificação dos programas para evitar abusos de cenas inapropriadas. As novelas, por exemplo, são transmitidas em horários onde a família está reunida, muitas vezes com a televisão ligada. A preocupação de algumas mães é como explicar certas situações às crianças de 4 e 5 anos? Como explicar o homossexualismo, ou até o sexo que é totalmente banalizado pela tevê? Deparei-me com o depoimento preocupante de uma mãe:

“Em minha opinião a censura é necessária (...) Hoje nos vemos privados de ligar a televisão em determinados horários, por conterem cenas impróprias para se assistir em família. É lamentável. Uma realidade que precisa ser mudada. (...) ligar a tevê às 15h00 e ver um homem nu na novela da tarde e cenas de sexo, lesbianismo, homossexualismo, entre outros, é preocupante. A geração que cresce acreditando que tudo é perfeitamente normal. O que seria novidade para um adulto que durante a infância teve livre acesso à tevê?” (Kátia, mãe de um garoto de 5 anos)

Muitos dos pais sentem falta de uma censura mais rígida, porém o controle deve ser feito pelos pais, pois são eles quem julgarão o que é bom ou não para seus filhos.

A última pergunta do meu questionário destinado aos pais era se eles acreditam em uma educação para e com a mídia. Por ter sido um questionário, ao invés de uma entrevista onde eu poderia explicar melhor a minha pergunta, muitos pais compreenderam qual a importância educativa de certos programas. Concordaram, porém, que a televisão muitas vezes ensina coisas boas e também é

uma boa fonte de entretenimento. Marisa ³ vê a importância de uma educação para e com a mídia na medida em que seus filhos fazem parte de uma cultura televisiva, por isso não podem ser privados de conviver com ela. É necessário, pois, saber assistir televisão, receber ativamente, reconstruir, criticar, mudar, e isso é algo que tratarei mais para frente.

Quanto à posição da escola, a coordenação absteu-se em responder o questionário, porém a professora de português que trabalha com os mesmos alunos que eu contribuiu de forma construtiva para esta pesquisa. Segundo ela, infelizmente, os melhores programas infantis encontram-se na televisão por assinatura onde temos uma diversidade de programas para diferentes faixas etárias com conteúdos “muito interessantes (...) arriscaria dizer que são até educativos” (Marta⁴, professora de educação infantil). Já na tevê aberta a realidade é outra, o único canal que se preocupa com o público infantil de fato é a Cultura.

Na questão que diz respeito às manifestações de seus alunos diante a tevê, ela explica:

“Na outra escola leciono com crianças de 4 e 5 anos e o resultado não é nada positivo, pois só querem brincar de brincadeiras agressivas que assistem na tv, tais como: Power Ranger, Homem, Aranha, Batman e outras que envolve o lutar, são poucas as crianças que optam por outro tipo de brincadeira ou mesmo interpretam os personagens das programações mais saudáveis.”

Ao trabalharmos com o mesmo grupo de crianças, observamos as mesmas atitudes, as mesmas intervenções da televisão, muitas vezes conversamos em busca de soluções para desconstruir algumas ideologias por eles adquiridas.

³ nome fictício

⁴ nome fictício

Segundo Marta, o uso da televisão, tal qual como ela se apresenta, ainda pode ser um instrumento de trabalho do professor na complementação de um conteúdo. A mediação do professor não deve basear-se em regras ou em proibições, as crianças devem ter o direito de se expressarem, porém quando essas atitudes machucam, elas devem ser esclarecidas e conversadas.

Segundo ela, quando questionada sobre a inclusão de uma educação para e com a televisão no currículo escolar, a televisão deve limitar-se à complementação de algum assunto devido a que muitas crianças possuem-na em casa e esta não seria um meio adequado de se ensinar, apenas calcado nela.

Diante disso, seria precipitado generalizar a visão da escola baseado na visão de uma só professora, porém podemos observar que há um certo preconceito com relação à inclusão da televisão na educação. Esta é vista apenas como lazer e de vez em quando podemos aprender com ela, mas por puro acaso. A educação para e com a televisão deve ser algo a ser trabalhado não somente com os educandos, mas principalmente com os educadores.

2. Os direitos da criança

A presença da mídia, principalmente a televisiva, na família contemporânea trouxe um alívio nas horas do cansaço, na hora da ausência, na hora do entretenimento e até do estudo. Entretanto, há uma preocupação por parte dos responsáveis, com relação à qualidade daquilo que é transmitido aos seus filhos. Muitos acreditam que a censura seria o melhor caminho para erradicar os excessos de violência, sexo, e outros assuntos delicados, na tevê.

A questão crítica está em como conciliar a liberdade de expressão com as formas de combater a violência na mídia (YUSHKIAVITSHUS, 2000). Muitas vezes

olhamos as crianças com um certo menosprezo, no sentido de que somente a opinião do adulto conta. O artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, assim como o artigo 13 da Convenção da ONU sobre os direitos da Criança, falam claramente sobre o direito que as crianças têm à liberdade de expressão.

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989), válida para menores de dezoito anos, contém quatro princípios básicos com o objetivo de orientar a formulação de políticas que afetem a criança.

– “Todas as ações relativas às crianças, levadas a efeito por instituições públicas ou privadas de bem-estar social, tribunais, autoridades administrativas ou órgãos legislativos, devem considerar, primordialmente, o **interesse maior da criança** (Artigo 3º).

Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar a proteção da criança contra toda forma de discriminação ou castigo por causa da condição, das atividades, das opiniões manifestadas ou das crenças de seus pais, representantes legais ou familiares. **Resumo - Não Discriminação** (Artigo 2º).

Os Estados Partes reconhecem que toda criança tem o direito inerente à vida. Os Estados Partes assegurarão ao máximo a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. O direito inerente à vida e a obrigação do Estado em assegurar a **sobrevivência e o desenvolvimento** da criança. (Artigo 6º) “.

Assim como ouvir e respeitar a opinião das crianças, segundo o artigo 13º que diz:

“A criança terá o direito de liberdade de expressão; esse direito deverá incluir a liberdade de buscar, receber e comunicar informações e idéias de todos os tipos, independentemente de fronteiras, seja oralmente, de forma manuscrita ou impressa, na forma de arte ou usando qualquer outro meio escolhido pela criança”.

O exercício desse direito poderá estar sujeito a determinadas restrições, mas estas limitar-se-ão ao que for estipulado em lei e ao que se fizer necessário: (a) para a observância dos direitos ou reputação de terceiros; ou (b) para a proteção da segurança nacional ou da ordem pública, ou da saúde ou da moral públicas “

Diante deste dilema, foram realizados fóruns da UNESCO para encorajar a autodisciplina e a autoregulação afim de que a criança usufrua seus direitos sem ser prejudicada pela investida violenta da mídia. . Durante as discussões houve o incentivo do Estado a quem cabia garantir o acesso à informação assim como estimular as características positivas e ao desenvolvimento de orientações apropriadas.

Para encontrar soluções é necessária a participação da família assim como a colaboração da escola, afinal, as pessoas têm condições de controlar o que acontece dentro de suas casas, podem simplesmente desligar a televisão, ou também propor outras atividades em família, que além de incentivar a leitura, por exemplo, os jogos, ajuda a descentralizar esse "poder" que a televisão tem sobre as pessoas.

O papel da escola, como educadora trabalhando em parceria com a família, seria buscar formas de controlar positivamente as vantagens da televisão. Saber ponderar, filtrar, o que é edificante para seus alunos, ou melhor, ensina-los a fazer isso, para que não seja apenas um controle da escola mas uma posição crítica da própria criança.

A violência, infelizmente, faz parte do dia-dia das crianças brasileiras. Seja ela pobre, ou rica, a violência passou a ser parte da nossa cultura. Não me refiro apenas à assaltos, seqüestros, guerras, mas também à torcidas de futebol, brigas de transito, e outras formas de violência verbal. Não podemos ignorar sua existência escondendo nossos filhos, alunos, da violência, mas saber trata-la, essa é a questão. O direito de expressar-se deve visar o respeito ao próximo.

Este receio em poder participar de tudo o que a mídia televisiva oferece como forma de liberdade de expressão, nos faz pensar na qualidade daquilo que é

produzido. Segundo Nilsson (2000, p.19) “ o truque mais barato do entretenimento é brincar com o medo. Esta é provavelmente uma das razões pelas quais a violência é o instrumento de entretenimento usado com maior frequência”. Se pararmos para pensar nessas palavras, o problema da violência na mídia é mais preocupante do que parece. Brincar com o medo traz conseqüências que serão repercutidas na vida adulta.

Nilsson (2000) também nos atenta para a questão de como a televisão infantil tornou-se um “mercado, patrocinada e dominada pelos anunciantes, em vez de ser a oportunidade dourada para chegar às crianças, estimula-las, informa-las e ir ao encontro de sua enorme criatividade e empatia” (p.19) As crianças tornam-se pequenos consumidores, e são vistos apenas como tal. Não como indivíduos em formação que necessitam dos recursos para desenvolver suas capacidades.

De volta aos quatro princípios básicos da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, diante dessa programação barata onde se “brinca com o medo”, não estamos de forma alguma buscando os interesses da criança. Ao trata-las como consumidoras de um mercado televisivo onde lhes são inculcadas ideologias como a daquela propaganda “eu tenho, você não tem”, estamos discriminando centenas delas, rompendo com o segundo princípio. Garantir não apenas sobrevivência, mas o seu desenvolvimento, vemos uma televisão que bombardeia centenas de informações, sem ao menos se preocupar com esse princípio.

E por ultimo, a liberdade de expressão. Será que diante da programação infantil, cheia de violência, ideologias que levam à discriminação, à passividade, estamos proporcionando às crianças, oportunidades de expressão?

3. A televisão e a cultura lúdica

Na nossa cultura, a convivência com a mídia televisiva fez dela parte do dia-dia de adultos e crianças. Principalmente desta última, a absorção da tevê fez com que esta fosse capaz de transformar a cultura da criança influenciando especialmente no que Gilles Brougère (1995) chamou de Cultura Lúdica. Segundo ele, cultura lúdica, interdependente à cultura global, define-se por:

“(…) uma estrutura complexa e hierarquizada, constituída (essa lista está longe de ser exaustiva) de brincadeiras conhecidas e disponíveis, de costumes lúdicos, de brincadeiras individuais, tradicionais ou universais (se isso pode ter sentido) e geracionais (próprias a uma geração específica)” (BROUGERE, 1995,p.50)

Podemos concluir então que a cultura lúdica, por sua vez autônoma, abarca uma série de fatores lúdicos levando-se em conta o tempo (gerações), o espaço (contexto cultural), atitudes e capacidades (fatores externos) e o meio social, o que faz dela proprietária de um aspecto específico. O brinquedo é apropriado pela criança de acordo com estes fatores, contribuindo para o desenvolvimento dessa cultura lúdica. (BROUGERE, 1995)

Dentro dos fatores lúdicos, encontramos além do brinquedo, as representações, o faz-de-conta. Quando temos a presença televisiva tão marcante como sendo uma fornecedora significativa dos suportes de brincadeira, esta alimenta ainda mais as brincadeiras simbólicas fazendo com que, muitas vezes, a criança continue “representando” mesmo quando o tempo de brincadeira cessa. Dentre os meus 13 alunos de 4 e 5 anos está José⁵(5) que corre pelo parque “voando” como o super-homem. Entretanto, quando termina a hora do recreio ele resiste em voltar a ser José. O super-homem ainda está ali. Se proponho alguma atividade, quem

participa é sempre o super-homem. Somente no final do dia, cansado, ele “ se despede” do seu super-herói.

Brougère (1995) atenta-nos para uma questão importante quanto à presença da tevê:

“ Contudo, não basta que as imagens sejam apresentadas na televisão, nem mesmo que elas agradem, para gerar brincadeiras; é preciso que elas possam ser integradas ao universo lúdico da criança, às estruturas que constituem a base dessa cultura lúdica mencionada anteriormente” (p.53)

Ou seja, num primeiro momento é necessária a presença referencial de cenas da vida cotidiana da criança, estas estruturas se enchem de novos conteúdos. Já num segundo momento, Brougère nos fala sobre a dupla dimensão da brincadeira: “ uma estrutura sobre a qual representações variadas vêm se inserir para anima-la, renova-la” (p.54)

Ao contrario do que se pensa - que a criança apenas reproduz o que assiste na televisão – a criança posiciona-se ativamente, e com isso acredito que essa posição ativa seja crítica e consciente, mas no sentido de que ela apropria os conteúdos assistidos e modifica-os, resignificando-os com referência à apropriação que faz dos papéis sociais nas brincadeiras de faz-de-conta. O ponto forte da tevê está em estabelecer referências únicas às crianças contextualizadas em meios diferentes, tornando-se, segundo Brougère, um suporte de comunicação.

Uma outra vertente para se pensar a influência da televisão na cultura lúdica é o que ela consegue fazer com os brinquedos. Ou seja, muitos deles são inspirados em personagens de desenhos animados, apresentadoras de programa infantil e até cantores.

⁵ Nome fictício para preservar a privacidade da criança

“A televisão tem influência sobre a imagem do brinquedo e sobre seu uso e, é claro, estimula o consumo de algum deles” (BROUGÈRE, 1995 p.57)

A partir do pensamento de Brougère quanto a relação ativa que a criança tem com esse brinquedo, recriando-o a cada instante, gostaria de pontuar que brincar com esses brinquedos- personagens, onde o recriar está sim presente, por outro lado, trazem consigo rótulos de acordo com aquilo que se conhece do personagem ali representado, e muitas vezes isso é uma convenção na brincadeira, uma regra.

Por fim, Brougère deixa claro que a cultura lúdica da criança não limita-se ao que a televisão oferece e nem submete-se inteiramente à sua influência. Chega uma hora em que a criança satura-se daquele brinquedo impregnado pelo universo televisivo e recorre a outras alternativas como as brincadeiras tradicionais ainda muito presentes na cultura lúdica.

4. Violência na mídia: bem X mal

A diversificação da mídia trouxe o aumento da quantidade de violência. Os produtores dos programas televisivos buscam um ingrediente que se encaixe em várias culturas, que não necessite de tradução, que provoque emoções nos telespectadores, este ingrediente é a violência. Vista em vários lugares do mundo, por diferentes faixas etárias, raças, etc., mais do que assistida, a violência é vivida por grande parte de população do mundo, dividindo seus envolvidos entre bem e mal, certo e errado, vítima e bandido.

Os programas infantis trazem consigo uma grande carga de justificativas para a legitimação da violência. Os Super-Heróis entram em ação quando o mal ameaça a harmonia pré-existente, porém seus comportamentos são “antagônicos

individualizados que nunca refletem a complexidade de um conflito social” (Rezende, 1989). Estes desenhos nos mostram forças em confronto permanente, numa repetição circular, onde não há um vencedor definitivo. O mal sempre volta para a revanche. Há ainda os coadjuvantes, serventes do bem ou do mal, que transmitem uma mensagem moral onde contestar não é necessário, nem desejável, demonstrando uma verticalização das relações de poder, que distancia cada vez mais líder e subalternos. Notamos que em uma brincadeira de crianças as vezes existe dois *Batman*, um super-homem e um homem aranha. As crianças recriam aquilo que assistem, porém com algumas modificações, a razão da presença de muitos Super-Heróis é que ninguém quer ser o *Robin* se pode ser o *Batman*.

As mais de 3500 pesquisas realizadas nos EUA, nos últimos 40 anos, concluíram que “a mídia de massa contribui para o comportamento e atitudes agressivas, assim como conduz a efeitos de dessensibilização e medo” (WARTELLA, OLIVAREZ e JENNINGS, 2000) Constatou-se também que há mais violência nos programas por eles exportados do que na programação transmitida dentro do próprio país e, infelizmente, os países subdesenvolvidos não demonstram resistência àquilo que é importado das grandes potências.

Diante da violência na mídia, são vários os efeitos que ela produz, neste caso, sobre a criança. A aprendizagem social foi proposta nos anos 60 por Albert Bandura onde afirma que observando os modelos da televisão, os telespectadores aprendem quais comportamentos são apropriados, quais são recompensados e quais os punidos. Ao imitar estes comportamentos, buscam “fugir” da punição e buscar recompensas. As crianças legitimam a violência pelo super-herói por este ser recompensado, e não punido, por ela.

Há entre as crianças pequenas uma dificuldade em distinguir a realidade da fantasia e muitas vezes, elas compreendem atos fragmentados e não a compreensão da seqüência do enredo. Neste caso, a hora da punição e da recompensa torna-se crítica, pois não conseguem associar a punição do fim com o ato violento do começo acreditando que esta atitude ficou sem punição, portanto está correta.

Outro efeito importante diante da televisão, é a dessensibilização emocional. De tanto assistir cenas violentas na tevê, a criança pode dessensibilizar-se com relação à violência real e a todos que ela envolve, podendo levar a atitudes insensíveis, sem conformando-se com a violência como uma prática comum. Segundo Wartella, Olivarez e Jennings (2000), até aqueles espectadores que a princípio se horrorizavam com as cenas de violência na mídia, podem habituar-se a ela ou se sentir mais psicologicamente confortáveis. George Gerbner (1986) estudou os efeitos do medo causados pela violência na mídia. Ao assistir muita violência na mídia, as pessoas passam a ter medo do mundo, medo de tornar-se vítimas da violência real fazendo com que estas adotem comportamentos mais autoprotetores demonstrando uma desconfiança maior em relação aos outros. Um pouco de medo, ainda é almejado por crianças e adolescentes, o medo do tipo excitante, porém muitas horas em frente a tevê diante de assassinatos, guerras, lutas, podem causar um medo maior que o "desejado", o que traz sérias conseqüências se não for trabalhado pelos educadores (pais e professores). "Um medo repetidamente sentido que não seja tratado, guardado interiormente, mais cedo ou mais tarde se manifestará de algum modo, e não raramente como incerteza, ansiedade, depressão – ou agressão".(FEILITZEN, 2002, p.212).

5. Violência na T.V: um olhar da criança

Neste capítulo procuro relatar a discussão feita com a turma após assistir à um capítulo de um desenho animado. O desenho escolhido por mim foi "A Liga da Justiça" onde busquei explorar o que as crianças pensam sobre os conceitos propostos pelo desenho. Será que Justiça tem a ver com violência?

O Capítulo de 20 minutos de duração resumia-se derrotar um Robô que era uma ameaça nuclear. Para isso, contavam com a ajuda especial do Homem Flecha, convidado a juntar-se à Liga da Justiça mas que demonstrou uma certa resistência pois preferia salvar a humanidade sozinho. Os super-heróis se reuniam em uma nave espacial, onde discutiam quem seriam os convocados para a próxima missão. Nesta, em especial, contaram com os poderes do Lanterna Verde, do Capitão Átomo, da Super Moça e do Arqueiro para derrotar o robô nuclear. Havia uma certa hierarquia entre os super-heróis, e até uma certa disputa onde um queria mostrar-se mais forte, ou mais poderoso que o outro. Apesar de atribuírem grande poder às super-heroínas, fica claro como a figura feminina fica submissa ao herói masculino, demonstrando lá no fundo uma certa fragilidade e incapacidade.

O desenho começa com um assalto à um mercado. As pessoas estão tranquilamente fazendo suas compras, quando aparecem dois homens encapuzados com armas e começam a atirar pra todo lado. A partir do momento em que começou o desenho, as crianças assistiam a cada movimento sem piscar. Quando um dos assaltantes tenta matar impiedosamente o dono do mercado, aparece o Arqueiro que começa, sozinho, a combater os assaltantes.

P: Quem é esse homem que aparece? (Referindo-me ao Arqueiro)

A: É o Arqueiro! Ele veio pra salvar!

Depois de salvar a todos, o Lanterna Verde aparece e leva o Arqueiro para a Nave da Liga da Justiça. As crianças se agitam diante de todos os super-heróis e começam a dizer quem são.

B: Eu sou ela! A Altona!

C: Eu sou o Batman!

B: Você pode ser aquela baixinha.

Perguntei então, quem era a Liga da Justiça, o que ela fazia.

A: Salva a gente, ué.

E: É, de bandido, dos inimigos.

C: Eles destroem e batem.

A: Mata o bandido, o Lanterna Verde, o anel tem um poder e mata.

P: Mas, ele é bom? (O Lanterna Verde)

A: Sim! Todos os heróis são bons! Todos os que estão na nave.

B: Eu sou a Altona (referindo-se à Mulher Maravilha) e você é a baixinha (disse para uma amiga, referindo-se à Super Moça)

P: Por que você é a altona?

B: Porque ela é a mais poderosa.

A questão do poder relacionado com o porte físico deixava claro que quanto maior o super-herói, mais poderoso, mais temido. Aliás, exceto à Super Moça, todos eram grandes, fortes, com roupas e acessórios com desenhos de flechas, raios, etc.

A: Tem uma pessoa que acha que eles são inimigos.

E: Eu acho todos bonitos.

A: As pessoas acham que eles são maus, mas eles não são. As pessoas também são bons, eles só acham que são maus, eles se enganaram.

Perguntei então o que é vilão:

F: O bandido, o mau, ele pode matar o herói.

P: E o que é Herói?

A: É uma pessoa que fica no espaço, é poderoso, é bom.

G: Porque ele ajuda.

P: Vocês acham que bater está certo:

A maioria, depois de um tempo, disse que não.

G: Nos vilões pode, eles são maus.

P: Por que um pode e o outro não pode?

G: Porque os vilões são do mal

P: Quando é "mau" a gente pode bater?

Pintou a dúvida, alguns disseram que sim, outros disseram que não. A regra na escola é: não bater! A gente resolve conversando, alguns relevaram essa regra

ao responder, outros não, bastava justificar que o vilão é mau por isso merecia apanhar.

E: Às vezes o Batman é mau porque ele bate nos outros.

Aí estava a resposta que eu queria. Faze-los refletir sobre as atitudes e não apenas rotular quem é bom e quem é mau.

P: Quem é esse vermelho? (referindo-me ao robô nuclear)

A: É o vilão do fogo, o mais mau.

P: Vocês acham melhor resolver conversando? E se os super-heróis chamassem os vilões para conversar e resolver?

C: Se a gente tentar conversar, o do mal vai atacar.

O Robô lança fogo no Homem Lanterna:

C: Viu que não é bom conversar?! Senão ele bate.

P: Mas ele está atacando ou se defendendo?

E: Ele está se defendendo... está atacando para conseguir se defender (achei essa ótima)

P: E monstro do mal existe?

Todos: Não!

P: E os super-heróis?

Todos: Também não!

P: Alguém sabe o que significa Justiça?

E: Matar os vilões!

P: Então vale bater quando é nos vilões?

H: Só a polícia pode bater no vilão. Quando o bandido vier, tem que chamar a polícia.

E: A polícia é boa e mau. Ela é mau quando mata as pessoas e boa quando ela falou oi pra mim.

Após assistirmos ao desenho, as crianças se descontrolaram imitando cada um o seu super-herói favorito. Eu não consegui retomar a discussão, e com muita dificuldade coloquei ordem na sala. Havia um aluno coreano, que não entende o português, ele apenas assistiu ao desenho sem participar da discussão. No entanto, quando esta terminou, lá estava ele, reproduzindo o que havia assistido. É incrível como as cenas de ação e violência chamam atenção das crianças, eles fantasiam sobre aqueles super poderes, capaz de fazê-los voar, vencer os seus medos.

Pude conduzi-las à uma desconstrução daquilo que elas assistem diariamente. Eles começaram a refletir sobre a legitimidade da violência. Justiça, poder e violência são conceitos interligados, onde as crianças utilizavam um ao outro para poder explicar o que estava acontecendo.

6. Educar para a mídia: cidadãos críticos e ativos.

"O telespectador tanto pode permanecer reduzido à contemplatividade, como ser incitado à tomada de consciência e à ação transformadora (...) A tevê permite o avanço de um nível passivo-contemplativo a um nível crítico quando problematiza o evento e dialetiza o espetáculo" (REZENDE, 1989, p.4)

Ouve-se dizer que antigamente os tempos eram melhores, pois não havia televisão. As crianças costumavam brincar na rua, os brinquedos eram caseiros onde todos participavam de sua construção. Sem vídeo games, sem as propagandas que levam ao consumismo tão grande como vemos nos dias de hoje. Muitos ainda acreditam que a melhor forma de proporcionar aos seus filhos e netos bons momentos como os “velhos tempos” é priva-los da televisão. Ou melhor, protege-los desta.

Vimos que a Cultura Lúdica, mencionada por Brougère (1995) abarca tudo o que rodeia a criança, tanto as brincadeiras e brinquedos como a cultura geral, seu contexto histórico. Seria irresponsável de nossa parte privar as crianças de algo que faz parte da sua geração, do seu contexto, e ainda mais, de um direito, que está ali, presente, sendo quase impossível de se ignorar. Por isso, a proposta de uma educação para a mídia televisiva é primordial para essa geração que tem a televisão como parte de sua vida.

O consumo infantil geralmente é acrítico e passivo. Elas absorvem, dificilmente questionam, e dificilmente criticam. Não seria certo pensar que esse comportamento diante da tevê se dá apenas em crianças, muito pelo contrário, existe vários adultos que procedem desta forma, talvez como forma de resistência ou por falta de orientação. Segundo Rezende (1989), à tevê são atribuídas várias funções: fenômeno sociológico, gênero artístico, prestação de serviços, instrumento técnico e um eletrodoméstico. Devemos tê-la como um recurso e não como uma ameaça.

Rezende (1989) diz ainda que devido ao caráter entretenedor, a televisão exerce sobre o telespectador uma força alienante, mantendo-nos presos no *presente*. Naquele momento em que a criança passa diariamente (e se esse tempo

for longo, pior) na frente da tevê ela é privada de suas oportunidades fundamentais ao se desenvolvimento: agir e falar. “É sempre ouviente-vidente, o fantoche que não concorda, nem discorda, ouve e vê, mas não escuta nem observa e muito menos duvida ou contesta” (p.21)

Dentro da mídia vemos o espaço dos adultos, as crianças raramente são vistas, raramente falam e são ouvidas. Quanto menos for a criança, mais invisível ela é. A mídia seleciona certas categorias sociais de crianças onde nem todas são representadas. A grande exceção está nos comerciais, vemos crianças em todo tipo de comercial, desde brinquedos até bancos, isto é, segundo Feilitzen (2002, p.23) “sinal de seu alto valor de consumo econômico nas sociedades - como consumidores atuais e futuros e como conceitos de venda e estratégias de propaganda para produtos, valores e estilos de vida”.

Os programas destinados às crianças brasileiras são em grande maioria importados, o que leva à uma visão alienada das reais condições de vida da população brasileira gerando uma preocupação com o apassivamento das crianças diante das mensagens televisivas.

Em casa, a família deve questionar a televisão. Proporcionar um ambiente de discussão visando a reflexão da criança, Rezende (1989) diz que nós educadores, professores e pais devemos estimular a criança a explorar a televisão como um meio audiovisual que a leve decodificar a linguagem televisiva e compreender o real significado dos conteúdos da mensagem.

No entanto, isso não seria suficiente, a educação para a mídia é uma forma de exercer a democracia através da participação crítica e criativa da comunicação. Ela deve construir o pensamento crítico e partir dos interesses dos alunos onde o professor deve apoiar os seus alunos, principalmente no que diz respeito à defesa

dos interesses da criança. Para conseguir atingir o pensamento crítico é necessário que as crianças produzam seu próprio material. Segundo Feilitzen (2002), essa educação engloba a luta pela informação afim de redistribuir o poder político e social como promover o diálogo, a reflexão e a participação. Para que esta educação seja efetiva, deve englobar toda a mídia, tanto as novas tecnologias quanto à mídia tradicional, pois somente assim atingiremos uma maior democracia.

Fuenzalida (1995) diz que a relação que os adultos têm com a televisão conduzem a criança a considerá-la como algo importante no seu dia a dia. Ao observar a relação que as crianças têm com a mídia televisiva conclui que os primeiros contatos são caracterizados pela simples curiosidade, pela exploração ou reconhecimento do meio. A segunda etapa destina-se ao que ele chamou de busca ativa, ou seja, concentração no conteúdo das mensagens. A terceira etapa é a busca e a construção do sentido onde manifesta-se na criança um comportamento tenso e excitado que inibe a capacidade de reflexão.

Fuenzalida (1995) propõe uma educação para a mídia através de um treinamento de monitores em "Educação para a tevê". Este treinamento está composto em três fases: na primeira, estão presentes as oficinas de tevê, treinamentos de observação e a criação do elo ação-reflexão-ação. Na segunda fase, os professores devem desenvolver experiências com seus alunos e testa-las em situação concreta, na terceira e ultima fase, o feedback daquilo que foi produzido é avaliado, apresentação e discussão do que resultaram as experiências e a elaboração de uma programação anual, e o principal é dar continuidade à este treinamento através das reciclagens onde se formarão novos professores-monitores. O objetivo é dialetizar o mundanismo da tevê.

A partir do que nos diz Feilitzen (2002) e Fuenzalida(1995) concluímos a importância de uma educação para a mídia não somente do educando, mas principalmente do educador, que irá acompanhar todo o processos de construção do pensamento crítico.

“Não se trata de substituir a palavra pela imagem, ou a ciência pelo sentimento. Trata-se de integrar essas duas linguagens até agora tão divergentes. Integrar essas duas instituições até agora paralelas: a escola e as mídias” (PORTO, 1998,p.26)

Tânia Maria Porto (1998) coloca a importância da escola em educar o aluno, receptor crítico e, segundo Soares (1995), formar o “educador”. A importância de se educar para as incertezas, Porto faz uma crítica aos livros didáticos onde se apresenta um mundo estável, certo, cheio de rótulos, irreal. Segundo ela, a escola não lhes proporciona problemas, mas a televisão sim, ela, assim como os outros meios de comunicação, nos faz questionar a realidade.

A educação para a televisão nos educa para a expressão, esta em suas diferentes formas, reprimidas pela escola que apenas enxerga com importância a leitura e a escrita.

A educação deve preocupar-se em educar o ser integral, visando o desenvolvimento da comunicação e da consciência crítica. Não apenas coleccionar informações na cabeça, mas processar essas informações criticamente a fim de investigar a realidade e preparar para a liberdade.

7. Considerações finais

A presença da mídia televisiva nos traz uma série de indagações e dúvidas sobre como agir diante dela, principalmente quando se trata da educação de crianças. Vimos que ignorá-la seria insensato, pois iria contra os direitos que a criança têm ao acesso de informações e meios de expressão nas mídias, ou seja, à democracia.

A questão da influência dessa violência na vida das crianças consta que sim, esta possui uma parte responsável pelas manifestações de agressão, porém, segundo Feilitzen (2000), nenhum estudo afirma que assistir a violência na televisão é o **único**, ou mesmo o mais importante, fator que contribui para o comportamento violento. Não é todo ato de violência que afeta a todos

Rowell Huesmann (1986) formulou uma teoria sobre o desenvolvimento social dos efeitos da violência. Esta sugere que “embora o fato de ver violência possa não causar comportamento agressivo, ele certamente exerce um impacto na formação dos scripts cognitivos para mapear as formas como se comportar em resposta a um evento violento e o resultado mais provável de ocorrer”. (Feilitzen, 2000).

Não podemos deixar de dizer que as crianças pequenas encontram-se em uma fase de imitação que diminui a medida em que a criança cresce. Portanto, nem tudo o que ela assiste internalizou-se como uma construção de atos agressivos intencionais por legitimar a violência, muitas vezes, elas apenas imitam aquilo que assistem por diversão, como uma simples brincadeira.

O aumento da agressividade, por sua vez, não é decisivamente estipulado somente pela violência na mídia. Este acontece em determinados indivíduos e em determinadas circunstâncias

Diante dessas possibilidades devemos, de qualquer forma, trabalhar por uma educação para a mídia. Não com a intenção de combater os efeitos nocivos da violência, mas principalmente por constituir-se um direito. A influência que o conteúdo midiático tem sobre alguém depende muito de como esta pessoa compreende o seu mundo, como recebe as informações, se é de forma passiva ou ativa, crítica ou acrítica. As pessoas podem apreciar e construir significados a partir da violência da mídia e, simultaneamente, obter dela impressões menos desejáveis.

Bibliografia

→ BROUGERE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. Ed. Cortez. São Paulo, 1995.

DAVID, Paulo. *Os Direitos da criança e a Mídia: Conciliando proteção e participação*. IN: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla (orgs.) *A Criança e a Mídia. Imagem, Educação, Participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

FEILITZEN, Cecília von. *Educação para a mídia, participação infantil e democracia*. IN: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla (orgs.) *A Criança e a Mídia. Imagem, Educação, Participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

_____; BUCHT, Catharina. *Perspectivas sobre a Criança e a Mídia*. UNESCO. Brasília, 2002;

FUENZALIDA, V. *Televisión – Padres – Hijos*. Ceneca- Paulinas. Santiago, 1984.

FUSARI, Maria Felisminda R.e. *O educador e o Desenho Animado que a Criança vê na televisão*. Coleção Educar 3. Edições Loyola. São Paulo, 1985.

HAMMARBERG, Thomas. *Crianças e Influências Nocivas da Mídia. O significado da Convenção da ONU*. IN: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla (orgs.) *A Criança e a Violência na Mídia*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NILSSON, Nils Gunnar. *As Crianças Merecem Qualidade*. IN: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla (orgs.) *A Criança e a Violência na Mídia*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PENTEADO, Heloísa Dupas (org.) *Pedagogia da Comunicação: Teorias e Práticas*. Ed. Cortez. São Paulo, 1998.

→ REZENDE, Ana Lúcia M. de; REZENDE, Nauro B. de. *A Tevé e a Criança que te vê*. Ed. Cortez. São Paulo, 1989.

WARTELLA, Ellen; OLIVAREZ, Adriana; JENNINGS, Nancy. *A Criança e a violência na televisão nos EUA*. IN: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla (orgs.) *A Criança e a Violência na Mídia*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

YUSHKIAVITSHUS, Henrikas. *Criança, Mídia e Violência*. IN: FEILITZEN, Cecília von; CARLSSON, Ulla (orgs.) *A Criança e a Violência na Mídia*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex43.htm

Anexo 1

Questionário destinado aos pais

- 1)- Quantas horas por dia seu/sua filho/filha assiste televisão?
- 2)- Em que período esta atividade é mais freqüente?
- 3)- Você monitora o que ele/ela está assistindo? Assiste com eles?
- 4)- Quais as manifestações de violência você percebe em seu/sua filho/filha decorrente da influência dos programas?
- 5)- O que você acha dos programas oferecidos pela TV aberta?
- 6)- Com que freqüência seus filhos questionam o que assistem? Como você contribui?
- 7)- Qual a sua opinião sobre a censura?
- 8)- Você acredita em uma educação para e com a mídia?

Anexo 2

Questionário destinado à escola

- 1)- O que você acha da programação televisiva destinada às crianças?
- 2)- Como as crianças se manifestam dentro da sala de aula, ou não, a partir do que assistem na tevê?
- 3)- Você acha possível uma educação onde a mídia televisiva contribua de forma positiva?
- 4)- Como deve ser a mediação do professor mediante a influencia da mídia televisiva?
- 5)- Qual a sua opinião sobre a inclusão no currículo de uma disciplina onde se proponha uma educação para e com a televisão?

